



4º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ARQUITETURA VERNÁCULA POPULAR: TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE . ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO

Reminiscências de uma cidade de madeira: permanências frente ao discurso do desenvolvimento

Reminiscencias de una ciudad de madera: la permanencia frente al discurso del desarrollo

Reminiscences of a wooden city: permanence in the face of development discourse

EIXO TEMÁTICO:

Arquitetura vernácula popular: memórias, documentação e preservação.

SILVA, Aline Beatrís Skowronski da

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Maringá.

aline.skowronski@ifpr.edu.br

SILVA, Ricardo Dias

Doutor em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Estadual de Maringá

rdsilva@uem.br

RESUMO

Maringá, como muitas cidades brasileiras, testemunhou uma narrativa de progresso e desenvolvimento ao longo de sua história. No entanto, essa busca por modernização muitas vezes resultou na perda de elementos culturais, como os representados pelas edificações em madeira, que deram forma à cidade. Este estudo examina as reminiscências desta arquitetura em madeira em Maringá e sua permanência na cidade ainda hoje, paralelamente à revelação de seu silêncio junto aos discursos que compunham a formação do norte do estado do Paraná. Utiliza-se uma abordagem multidisciplinar que combina pesquisa histórica, análise arquitetônica e entrevistas com moradores e agentes locais. Foram mapeadas edificações de madeira remanescentes no bairro da Vila Operária durante o período de 2021 a 2023. Apesar do avanço da urbanização e da substituição de estruturas antigas por edifícios “modernos”, Maringá ainda preserva uma quantidade significativa de sua arquitetura popular em madeira principalmente nesse bairro. Essas estruturas, muitas vezes escondidas, contam histórias de um passado que contrasta com a visão de uma cidade puramente moderna. Mas pouco desse tema está presente nas discussões de planejamento e desenvolvimento da cidade, e rapidamente essa arquitetura vem desaparecendo, transformando a imagem do bairro que aos poucos perde seus referenciais. Isso é parte de um discurso que ainda permeia o imaginário da população, que valoriza o futuro em detrimento de um passado do qual não se atribui valor, promovendo rupturas entre presente e passado e rompendo laços do futuro com a história que se construiu sobre a derrubada da mata nativa.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura popular; arquitetura em madeira, reminiscências, memória.

RESUMEN

Maringá, como muchas ciudades brasileñas, ha sido testigo de una narrativa de progreso y desarrollo a lo largo de su historia. Sin embargo, esta búsqueda de modernización a menudo resultó en la pérdida de elementos culturales representados por los edificios de madera que dieron forma a las ciudades. Este estudio examina las reminiscencias de esta arquitectura de madera en Maringá y su permanencia en la ciudad hasta hoy, en paralelo con la revelación de su silencio junto con los discursos que configuraron la formación del norte del estado de Paraná. Utilizamos un enfoque multidisciplinar que combinó investigación histórica, análisis arquitectónico y entrevistas con residentes y agentes locales. Los edificios de madera restantes fueron mapeados en el barrio de Vila Operária durante el período de 2021 a 2023. A pesar del avance de la urbanización y la sustitución de estructuras antiguas por edificios modernos, Maringá aún conserva una cantidad significativa de su arquitectura popular de madera, especialmente en este barrio. . Estas estructuras, a menudo ocultas, cuentan historias de un pasado que contrasta con la visión de una ciudad puramente moderna. Pero poco de este tema está presente en las discusiones sobre planificación y desarrollo de la ciudad, y esta arquitectura está desapareciendo rápidamente, transformando la imagen del barrio que poco a poco va perdiendo sus referencias. Esto es parte de un discurso que aún impregna el imaginario de la población, que valora el futuro en detrimento de un pasado al que no tiene sentido asignar valor, promoviendo rupturas entre presente y pasado y rompiendo vínculos entre el futuro y la historia. que se construyó sobre la tala del bosque.

PALABRAS CLAVE: arquitectura popular; arquitectura de madera, reminiscencias, memoria.

ABSTRACT

Maringá, like many Brazilian cities, has witnessed a narrative of progress and development throughout its history. However, modernization often resulted in the loss of cultural elements represented by the wooden buildings that shaped cities. This study examines the reminiscences of this wooden architecture in Maringá and its permanence in the city even today, in parallel with the revelation of its silence along the discourses that



made up the formation of the north of Paraná State. We used a multidisciplinary approach that combined historical research, architectural analysis and interviews with residents and local agents. Remaining wooden buildings were mapped in the Vila Operária neighborhood during the period from 2021 to 2023. Despite the advance of urbanization and the replacement of old structures with modern buildings, Maringá still preserves a significant amount of its popular wooden architecture, especially in this neighborhood. These structures, often hidden, tell stories of a past that contrasts with the vision of a purely modern city. But little of this topic is present in discussions about the city's planning and development, and this architecture is disappearing quickly, transforming the neighborhood image that is gradually losing its references. This is part of a discourse that still permeates the population's imagination, which values the future in detriment of a past to which it makes no point of assigning value, promoting ruptures between present and past and breaking ties between the future and the history that was built on the felling of the forest.

KEYWORDS: popular architecture; wooden architecture, reminiscences, memory.



INTRODUÇÃO

Este estudo concentra-se na análise das reminiscências da arquitetura popular em madeira em Maringá, destacando sua permanência em meio à cidade. E o faz apresentando o discurso que predominou nas narrativas históricas de formação da cidade e da região norte do Paraná, com ênfase na atuação da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), empresa colonizadora de grande atuação local. Como um fator que tem forte influência nos apagamentos que ocorreram na cidade ao longo dos anos, os discursos dos grupos dominantes colocam ênfase em aspectos relacionados ao desenvolvimento, onde a arquitetura em madeira não se encaixa.

A empresa colonizadora CMNP atuou no norte do estado do Paraná a partir da aquisição de 15 mil alqueires de terra, onde implementou um projeto grandioso que unia o loteamento de terras rurais, projetos para núcleos urbanos hierarquizados e com distâncias equivalentes entre si, de maneira a dar suporte à área rural e a implantação da ferrovia e de um grande número de rodovias. Esse conjunto se configura com quatro grandes centros, Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama, que se tornaram as maiores cidades da região. Além destes, a Companhia fundou patrimônios e núcleos urbanos, intermediando as distâncias entre os grandes centros. Estes se diferiam pelo tamanho das quadras, sendo que os patrimônios teriam menos de 100 quadras. (REGO, MENEGHETTI, 2008)

Nesse processo de ocupação, com consequente desmatamento da Mata Atlântica, muitas espécies de madeira de lei foram identificadas e exploradas. Desde a figueira branca, encontrada na região de Londrina, até a peroba-rosa, presente também em Maringá e região e utilizadas para inúmeras construções após a derrubada da mata. Desse modo, a arquitetura em madeira se coloca como representativa da região norte do estado do Paraná. Esse tipo de construção deu forma à paisagem de Maringá a partir dos anos 1940. Ao examinar o contexto histórico e arquitetônico dessas estruturas, bem como seu significado cultural e social, buscamos compreender o papel que desempenham na identidade de Maringá e na construção de sua memória coletiva.

A cidade é uma referência para se compreender algumas tensões inerentes à evolução urbana e à preservação do patrimônio arquitetônico e cultural. Como muitas áreas urbanas em todo o mundo, Maringá tem sido moldada por um discurso dominante de progresso e desenvolvimento, que pouco inclui um dos seus fatores históricos mais relevantes, a derrubada da mata e a apropriação do material para a construção da cidade. No entanto, entre os arranha-céus e



edifícios modernos que definem a paisagem urbana atual, persistem reminiscências desta arquitetura em madeira, testemunha silenciosa de tempos pretéritos. Como é o caso da Vila Operária, bairro popular inserido no projeto desenvolvido pelo Engenheiro Jorge de Macedo Vieira, onde a tradição ainda ecoa nas estruturas de madeira que margeiam suas ruas. Aqui as casas não são apenas edifícios; são exemplares vivos de uma herança cultural. Neste bairro, a arquitetura conta a história de uma época passada, uma época em que explorar o material disponível em um trabalho realizado em comunidade foi fundamental para a construção do habitat.

A história que aborda a formação do norte do Paraná foi narrada por muitos autores a partir do papel da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), enquanto pertencia ao domínio inglês. Posteriormente, em 1940, denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), quando passa a ser administrada por capital nacional. Na contramão dessas narrativas, Tomazi (2000) se debruça nos silêncios que compunham um quebra-cabeça espalhado em diferentes locais e que vão se configurar como um enfrentamento ao discurso Norte do Paraná e às fantasmagorias por trás desta construção ideológica.

Por meio de uma abordagem multidisciplinar, que combina métodos de pesquisa histórica, análise arquitetônica e interação com a comunidade local, foi possível fornecer insights valiosos sobre o equilíbrio delicado entre desenvolvimento urbano e preservação do patrimônio local. Através da combinação de dados primários levantados em diferentes períodos (2015 e 2023) e do resgate de relatos dos colonizadores, agentes, arquitetos e historiadores locais, em publicações bastante difundidas, propõe-se discutir a importância da permanência dessa arquitetura no bairro perante sua invisibilidade na história e seu significado na paisagem urbana em constante mudança. Ao fazê-lo, espera-se promover uma apreciação mais profunda das raízes históricas e culturais da cidade, enquanto enfrenta-se os desafios do século XXI em termos de planejamento urbano e sustentabilidade.

Além disso, este estudo visa contribuir para um diálogo mais amplo sobre a importância da preservação do patrimônio arquitetônico em meio ao cenário de urbanização acelerada que caracteriza muitas cidades contemporâneas. A preservação dessas estruturas não apenas representa um desafio para a visão hegemônica de progresso, mas também oferece uma oportunidade única de explorar a interseção entre história, cultura e desenvolvimento urbano.



DO DISCURSO ÀS REMINISCÊNCIAS

O discurso, segundo Certeau (1996, p. 154) “se caracteriza não tanto por uma maneira de se exercer, mas antes pela coisa que mostra. [...] É uma arte do dizer”. Percebe-se nos relatos de integrantes da Companhia de Terras Norte do Paraná, CTNP, que promoveu a ocupação da região como um grande empreendimento de terras e de cidades.

Como acontece em todas as grandes conquistas feitas pelo homem, no decorrer da exploração econômica racional das terras roxas do Norte do Paraná os desbravadores que se dedicavam à empreitada acabaram por verificar que estavam realizando, na verdade, missão de elevado interesse público. Eles agiam como empresários, é verdade, mas nessa condição desempenhavam o papel de parcela propulsora da sociedade liberal que ajudaram a construir. (SANTOS, 1975, p. 10)

Estava, assim, iniciada uma nova vida, que foi a vida nova para milhares e milhares de famílias brasileiras. Era a reforma agrária, racional e democrática, que trazia prosperidade para o Estado e para o País. (Relato de Hermann Moraes de Barros, apud Santos, 1975, p.110)

A atividade de abertura da clareira a partir da supressão da floresta nativa permitiu o surgimento da paisagem pela qual ficou conhecida a cidade de Maringá nos anos 50 (ver figura 1), um território tomado pelas toras que logo se transformaram em singelas edificações destinadas à moradia, comércio, igreja e instituições públicas. A atividade das serrarias e dos carpinteiros foi dando forma a uma cidade de madeira que surgia no norte paranaense em meio à violência que exterminou muito rapidamente indígenas e caboclos da região. Essa paisagem esteve longe do que vinha se construindo como ideal de território e de cidade nos discursos de colonizadores que vislumbravam civilização e progresso para a terra roxa do norte do estado.



Figura 1 – Abertura da mata e troncos ao chão no início da implantação do Maringá Novo, em fins dos anos 1940.

Fonte: Acervo Maringá Histórica



O que se construiu através de relatos das companhias que atuaram na região, das histórias contadas por mineiros e paulistas que se direcionavam à região em busca de terras para agricultura, e de estrangeiros que cumpriram missões demandadas muitas vezes pelo governo, tanto brasileiro como inglês, foi um discurso reproduzido ao longo de anos em diferentes campos do conhecimento. Tomazi (1997) chama de discurso “norte do Paraná”, a partir do qual procura reconstruir os silêncios que foram produzidos para que esse discurso tivesse seu papel na construção do imaginário popular.

Ao fazer referência ao “discurso norte do Paraná” Tomazi (1997, p. 12) remete a um conjunto de ideias e imagens que se revelam com o simples fato de citá-lo, como:

[...] progresso, civilização, modernidade, colonização racional, ocupação planejada e pacífica, riqueza, cafeicultura, pequena propriedade, terra onde se trabalha, pioneirismo, terra roxa, enfim, todo um conjunto de idéias (sic) e imagens construído através de vários anos, mas estruturado, principalmente entre os anos 30 e 50, procurando assim criar uma versão, do ponto de vista de quem domina, para o processo da (re)ocupação desta região. (TOMAZI, 1997, p. 12)

O discurso Norte do Paraná “vai se constituindo à medida que o território vai sendo ocupado na ótica do capital, com um caráter nitidamente vinculado à classe dominante” (TOMAZI, 2010, p. 15). Desse modo, revelam-se instrumentos utilizados ao longo do processo para a construção de uma identidade, de uma civilização e de um cidadão norte-paranaense. O herói, representado pelos desbravadores que, em busca de desafios, partiram para o desconhecido; a comunidade, e sua consolidação pela fé cristã predominantemente; a valorização econômica da região com perspectivas futuras, a partir da grande propaganda entorno da fertilidade do solo e da presença das conexões viárias e ferroviárias, todos estes contextos representam ideias que alimentaram o discurso aqui em debate.

As quatro seções do livro revelam esse discurso: “Catalisadores do Progresso”, onde apresentam as iniciativas para as mobilizações de desbravadores em direção ao norte do estado e a valorização da terra para o cultivo do café, “Progresso do Norte do Paraná”, capítulo 4, onde afirmam a convergência de ideias entre CMNP e as diferentes missões, como a inglesa, no desbravamento da região, e “Norte do Paraná, exemplo para o mundo”, em que o planejamento da reforma agrária e seus principais agentes são apresentados de maneira a estabelecer uma conexão entre os colonizadores ingleses e a forte presença dos empreendedores brasileiros na equipe (CMNP, 1985, sumário). Os relatos da Companhia Melhoramentos, conforme citação de



Hermann Moraes acima, organizam uma historiografia em que registram as ações tomadas frente à colonização do norte do Paraná em prol do desenvolvimento.

CMNP e o projeto de Maringá

A atuação da Companhia Melhoramentos, e seu projeto de implantação de uma rede de cidades, é ponto de partida para construir a relação entre discurso e prática. A CMNP implementou no norte do Paraná um mercado de terras e colocou em prática a ideia de transformar a região em um grande empreendimento imobiliário. Foram implantados pela companhia 62 núcleos urbanos dos quais Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama representavam um papel de centro urbano comercial e prestador de serviços, que dariam suporte aos núcleos menores que compunham a rede de cidades. (REGO, MENEGHETTI, 2008)

Esse projeto não foi fruto somente das empresas colonizadoras, especialmente a CMNP, apesar de sua forte propaganda como política agrária paranaense e tendo a cafeicultura em ascensão após a baixa nas fazendas paulistas. Tendo um caminho fortalecido pelos incentivos do governo estadual e a descoberta da terra roxa como de grande propensão ao plantio do café, a conjuntura favoreceu as ações das empresas colonizadoras que, a partir deste contexto, foram de grande impacto para a transformação do norte do estado. (ROSANELI, 2013)

“A existência desse conjunto de cidades não era fruto do acaso, mas de uma intrínseca relação com o universo rural e sua economia. Certamente uma aposta no futuro, mas fundamental para que o presente na fronteira se estabelecesse. Era a outra parte refletida no espelho. Ambos, frutos de um movimento de choque e de reajustamento da sociedade.” (ROSANELI, 2013, p. 62)

Nesse conjunto de ações, em meados de 1940 o projeto para o polo Maringá começa a sair das mãos do engenheiro Jorge de Macedo Vieira, contratado para desenvolver dois projetos para a Companhia, Maringá e Cianorte. Enquanto a Companhia de Terras Norte do Paraná lançava seu plano de colonização, os núcleos urbanos se organizavam na promoção e venda de suas terras, associando a compra de terrenos na área rural à aquisição de lotes urbanos. Era o início de mais um empreendimento que tinha como fonte econômica, inicialmente, a produção do café, mas foi, acima de tudo, o comércio das terras que resultou no grande negócio.

Ao contratar Jorge Macedo para o projeto da cidade, implícitas estão as expectativas da valorização do território corroborando com a trajetória empresarial que vinha sendo implementada



pela Companhia. Ela tinha como preocupação a venda dos lotes nas cidades que foram sendo lançadas, o que levou a um grande investimento nas propagandas que enalteciam as vantagens de se adquirir um lote na região. Ao mesmo tempo que lançavam as cidades propunham um plano urbano, tudo acompanhado de uma estratégia de marketing. A região onde foi implantada a cidade de Maringá era o local onde se vislumbrava um projeto de modernidade. Como afirma Cordovil:

Há uma defasagem entre o projeto e a realidade em uma região que se transforma ao introduzir uma nova paisagem: civilizatória e moderna. No Paraná, um projeto moderno de cidade foi implantado *ex-novo*, uma década antes do início da construção de Brasília.” (CORDOVIL, 2010, p. 580)

A paisagem que se formava nas cidades estava distante do plano quadricular proposto para a grande maioria das cidades. As casas eram dispersas e animais circulavam por todos os lugares. As cercas definiam os alinhamentos dos lotes. Rosaneli (2013) descreve a organização da vida nas cidades fundadas pela Companhia, de maneira geral a paisagem que se consolidava era recorrente,

O cotidiano rural adentrava-se nas cidades. A separação da área de domínio e uso comum dos terrenos privados podia ser distinguida pelas estacas de madeira e por poucas e baixas cercas de madeira, [...] necessárias para resguardar as criações, [...]. Nos quintais se plantavam os alimentos que comporiam a mesa [...], ao lado, a casinha da “privada”.
[...]

Ao amanhecer, a fumaça dos fogões a lenha pelas ruas emoldurava a paisagem. Tocos de árvores cortadas e carbonizadas ainda resistiam nos dois domínios. (ROSANELI, 2013, p. 111)

Em 1943, a serviço da CMNP, Macedo Vieira desenvolve o projeto para a cidade de Maringá, que deveria atender cerca de 200 mil habitantes e se consolidaria, juntamente com Londrina, em um polo na rede de cidades novas no Norte do Paraná. O projeto implanta na malha urbana dois parques detentores de floresta nativa, a estação ferroviária e uma grande avenida que a abriga o centro cívico. Retoma os conceitos de subúrbio-jardim e valoriza as curvas de nível do terreno, criando bairros setorizados que irá numerar por zonas e funcionalidades.

A descrição do projeto permeia os discursos sobre a cidade de Maringá, destacando os elementos que dão o ar da modernidade e recorrem à simbologia importada do planejamento europeu e americano, em que a qualidade de vida certamente será superior devido ao traçado e ao plano proposto. Em meio ao surgimento de novas cidades no país, essas características (subúrbio-jardim, praças e parques, mobilidade e fluidez nos deslocamentos) sugerem que ali os



ideais da modernidade não faltariam, com o benefício dos elementos da natureza e do campo permeando os bairros residenciais. O mapa 1 apresenta a primeira proposta desenvolvida pelo engenheiro em que aparecem as rotatórias no centro dos parques que foram suprimidas no projeto final.



Mapa 1 - Planta desenvolvida por Jorge Macedo Vieira - primeira proposta. Fonte: Cordovil, Museu da Bacia do Paraná

Hoje, a cidade de Maringá ocupa uma área privilegiada na região, compartilhando com Londrina o título de polo regional e usufruindo das condições naturais que lhe foram reservadas desde sua implantação, como a topografia, com relevo suave abastecida por cursos d'água, e as conexões modais, que rapidamente a inseriram na rede estadual e federal. Sua trajetória vem acompanhada da ideologia de sua fundação, uma cidade de economia pujante e espelho do desenvolvimento.

A Vila Operária, ou Zona 3, surge designada para uma determinada classe social e uma função específica no contexto urbano. Localizada entre a Avenida Mauá, a Praça Rocha Pombo e a Praça Abilon Souza Naves e a Avenida Laguna, à leste do centro cívico e junto ao Parque do Ingá, sua ocupação foi delimitada em um território de 70 alqueires divididos em 70 quadras de diferentes tamanhos. Os lotes somaram 1.434 datas acrescidos dos espaços destinados à implantação das indústrias, após a Avenida Mauá.



A proposta desenvolvida por Macedo Vieira pré-estabeleceu o caráter de bairro, operário, o que resultou em terrenos mais baratos com dimensões entre 550 e 600m² (Luz, 1997), onde foram construídas edificações em madeira que serviam de renda aos inquilinos que aproveitavam a situação exposta. A ocupação efetiva da Vila Operária só aconteceu após 1947, quando os primeiros compradores registrados pela CMNP adquiriram 309 lotes. Destacam-se as diferentes procedências destes primeiros habitantes da região, o que inclui europeus e asiáticos, mas predominantemente brasileiros, com destaque para um grupo de nordestinos (MARINGÁ, 2002).

Compreende-se então que as referências à madeira são poucas, a não ser retratos da mata destruída, uma rara preocupação quanto ao meio ambiente e o papel das serrarias e desta matéria prima para construções temporárias. O que se busca, então, é reforçar seu significado como representante cultural de uma territorialidade, que está vinculado ao contexto da região sul do país, onde seu uso foi bastante difundido, mas que, na cidade de Maringá, cidade fruto de um discurso elitista e progressista, a ela sobrou pouco espaço.

No livro da CMNP (1975), encontramos referência às edificações em madeira apenas como balizadoras de ruas recentemente abertas, ressaltando que a mata tinha sido aberta e de lá foram retiradas, por exemplo, grandes perobas e paus-d'alho. Com orgulho, relatam o resultado da primeira derrubada:

[...] raízes de árvores imensas apontando para o alto, troncos semi-carbonizados, vestígios de cinzas. Era o primeiro contato do homem com uma das regiões mais férteis do País. E era também uma advertência. A derrubada e a queima da floresta deveriam se fazer de acordo com critérios conservacionistas, sob pena de se perder rapidamente a fertilidade do solo, embora este fosse de invulgar qualidade. (CMNP, 1975, P. 70, grifos dos autores)

Mas a presença da casa de madeira em meio a cidade contemporânea edificada no lote planejado e plantado a partir de um projeto urbano inovador, de linhas modernas e inspiração formal da cidade-jardim inglesa se torna bastante instigadora. As edificações encontradas na cidade fazem parte da história do povoamento e do desmatamento do Norte do Paraná, assim como a presença de uma população que guarda na memória, e na arquitetura, a história de uma vida de mudanças e adaptação. Esse contexto do discurso e da prática, percebido ao longo do tempo na paisagem que se consolidava, é importante para se compreender a cidade atual, reconhecer nela as reminiscências da cidade de madeira e atentar para a série de apagamentos das quais vem sendo palco.



MEMÓRIA E REMINISCÊNCIA

A memória, em termos gerais, refere-se à capacidade de um indivíduo ou de uma sociedade de reter e evocar informações, experiências ou conhecimentos do passado. Pode ser tanto individual quanto coletiva, e está ligada à construção de identidades pessoais e sociais. A memória não é apenas um registro objetivo do passado, mas também é moldada por interpretações, narrativas e significados atribuídos a eventos de tempos pretéritos.

No debate entre memória e história, Pierre Nora (1993) reconhece os símbolos que reúnem indivíduos em uma coletividade em busca da construção identitária, mas entende que ela perde espaço para uma análise crítica historiográfica que exclui especificidades e generaliza simbolismos. Para Assmann (2011, p. 149), ambos os campos irão contribuir como modos de recordação, constituindo um conjunto composto por uma construção estática, um pano de fundo, a memória cumulativa, e uma memória funcional, consciente, disponível para transformar-se e trazer à tona elementos por vezes adormecidos.

Mas a memória perpassa um caminho que é instável, incerto. As mudanças políticas, os discursos reproduzidos, a sucessão e repetição destes ao longo de diferentes períodos, enfraquecem o movimento da memória. Para Pollak (1989, p.9), esse é um exercício de “enquadramento” da memória que se justifica através do discurso de quem está no comando do jogo, as “testemunhas autorizadas”, e resulta em objetos que estarão registrados em museus, bibliotecas, monumentos, cuidadosamente selecionados.

Para reafirmar e reinserir a memória como fonte fundamental na revelação de subjetividades ou traços por vezes perdidos, esquecidos, escondidos pelos discursos predominantes, Pollak (1989) sugere que se parta das histórias e memórias individuais. Quando o indivíduo é instigado a repensar momentos importantes de sua vida acaba trazendo variações para as histórias que são reveladoras, na maioria das vezes. É fato que o fio condutor da história está concentrado em uma ideia, ou um discurso¹, que deve ser considerado na interpretação de uma história de vida, mas “através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (POLLAK, 1989, p. 11)

¹ Pollak vai se referir a esse fio condutor através do termo “leit-motiv”, que sugere uma ideia, fórmula que reaparece de modo constante em obra literária, discurso publicitário ou político, com valor simbólico e para expressar uma preocupação dominante.



Compreende-se que há uma história de um grupo que organizou o norte do Paraná, projetou e fundou a cidade de Maringá, setorizou seus espaços intraurbanos e destinou uma população migrante aos espaços que lhe eram autorizados. Nos meandros dessa história, o bairro da Vila Operária construiu seu fio condutor, quase que paralelamente à trajetória da cidade. Com seus moradores pioneiros, as edificações em madeira conservadas por essa comunidade, os edifícios marcantes que compuseram seu espaço, como a Igreja São José e o Cine Horizonte – não mais existentes, esse lugar permite reconhecer relações inerentes à sua sociedade. O fácil reconhecimento por parte de seus moradores dos pontos de comércio desde sua fundação, de sua vizinhança, e das despedidas já ocorridas, bem como das mudanças estruturais que tem impactado o bairro são fatores simbólicos que resguardam uma trajetória particular.

De maneira a ampliar a perspectiva sobre a memória, resgata-se o conceito de reminiscência, entendido aqui sob duas perspectivas: fazendo frente ao conceito de memória e, ainda, associando-se às estruturas em madeira encontradas nos interstícios do bairro da Vila Operária. Entre memória e reminiscência, Rossi (2020, p.15) destaca que esta “[...] remete à capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido.” Ela pode ser desencadeada por diferentes estímulos ou associações mentais que irão reforçar ou recuperar memórias que pareciam perdidas. Para Rossi, a reminiscência é um processo pelo qual o conhecimento do passado é trazido de volta à consciência e reativado no presente, influenciando a maneira como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor.

Assmann (2011) discute como a reminiscência opera na formação da identidade individual e como um mecanismo coletivo de preservação e transmissão de experiências passadas, permitindo que sociedades conectem o presente com seu passado para compreender sua posição dentro de uma continuidade histórica. Assim, a arquitetura, e sua interação com os grupos sociais em diferentes momentos da história, se torna uma forma tangível de expressão cultural e social, remontando às experiências esquecidas ou por vezes silenciadas.



Embora abordem a reminiscência em contextos diferentes – Rossi na história da ciência e Assmann na teoria da cultura e da memória -, ambos os autores enfatizam a importância desse fenômeno como um meio de recuperar, reinterpretar e preservar o conhecimento e a experiência do passado. Reminiscência nesta abordagem assume, então, contornos importantes: um como ato, buscando essa conexão presente e passado, e outro como recorte, revela parte de uma cidade edificada em madeira, representa lugares na escala urbana que potencializam sua relação com o passado.



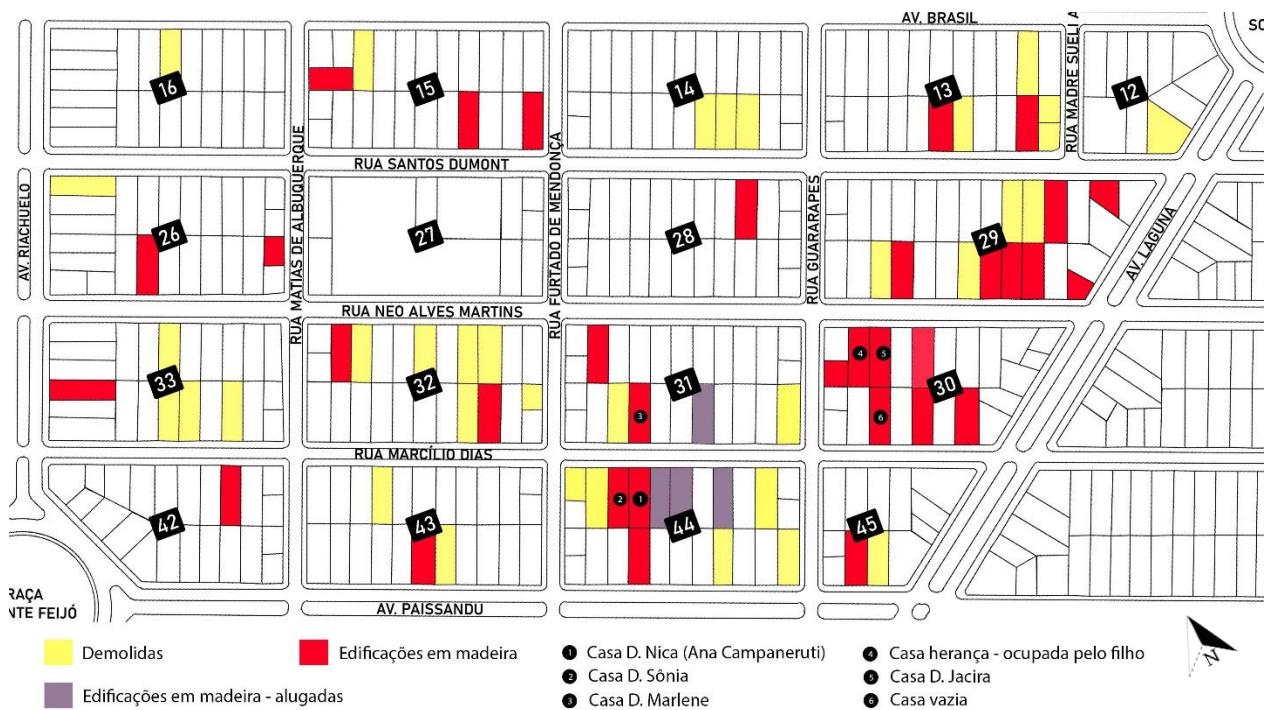
Fig. 1 Edificações na rua Neo Alves Martins na Vila Operária, Maringá/PR. À esquerda, casa D. Jacira (mapa quadra 30, n. 5), à direita, casa herdada (mapa quadra 30, n.4). Fonte: registros dos autores (2022 e 2023).



Fig. 2 - Edificações na rua Marcílio Dias, na Vila Operária, Maringá/PR. À esquerda, casa alugada (mapa quadra 31) e casa vazia (mapa quadra 30, n. 6) Fonte: registros dos autores (2022 e 2023).



As edificações das ruas Neo Alves Martins e Marcílio Dias, no segundo quadrante da Vila Operária (figuras 1 e 2) remontam a um tempo histórico permeado por símbolos e memórias reconstruídas frequentemente pelo uso, pelo cotidiano. Estão localizadas nas quadras 30 e 31 (ver mapa 2), e possuem diferentes características no que se refere à tectônica e à história e propriedade, mas convivem em uma rua que permite um mergulho a outro período da história, o da cidade de madeira.



Mapa 2 - Recorte do segundo quadrante da Vila Operária. Fonte: mapa PM/Maringá, modificado pelos autores, 2024.

As moradias alugadas têm um cuidado exemplar do proprietário, que mantém amizade com seus locatários. As edificações vazias frequentemente possuem outra moradia no mesmo terreno, nos fundos, onde locatários ou proprietários cultivam o cuidado com o terreno. As edificações de propriedade individual, conforme descrito no mapa, estão sempre movimentadas, com jardineiro cuidando do quintal ou vizinhas à porta conversando. Recebem manutenção frequente e já possuem ampliações do projeto original, com algumas partes em alvenaria.

A figura 3 apresenta duas casas na rua Marcílio Dias, em um setor bastante preservado do bairro, que ainda não está repleto de altos edifícios contemporâneos, mas já apresenta apagamentos significativos da arquitetura em madeira. A edificação da esquerda foi construída em meados dos anos 1950 pela família do seu João Perez e hoje é mantida por ele pois seu pai, já falecido,

deixou como herança aos filhos. O morador ocupa o lote à esquerda e migrou para o bairro no momento das mudanças da cultura do café na área rural, comprando o lote do lado para morar com sua futura esposa, dona Aparecida. A casa permanece alugada e o lote ainda conta com outra edificação nos fundos, contribuindo com a renda da família. A edificação da direita é de propriedade de Antônio Bride, que mantém outras edificações em madeira no bairro e conta com o morador desta residência para realizar anualmente a manutenção de suas moradias.



Fig. 3 Edificações nas ruas Marcílio Dias, na Vila Operária, Maringá/PR (duas casas alugadas na quadra 44). Fonte: registros dos autores (2022 e 2023).

Cabe destacar que a arquitetura é uma camada da estrutura urbana que reflete questões objetivas relevantes no que se refere ao período de implementação, às teorias em voga no contexto nacional e internacional, aos estilos ao qual fazem referência e seus planejadores. Cabe um papel à arquitetura popular nesse sentido de carregar histórias e modos de viver que muitas vezes prescindem de um planejamento mais apurado. Nesse sentido, a memória emerge como fonte de transmissão de conhecimento e como portadora de simbolismos reconhecidos por grupos que o carregam ao longo da história. Nas reminiscências das estruturas em madeira encontradas no bairro da Vila Operária, a reminiscência como uma ação para reevocar o passado alimenta a memória, reconecta presente e passado e, possivelmente, conduz a um repensar do eu e da comunidade.

Assim, tem-se um conjunto de elementos e simbolismos que conferem à memória funcional, aquela consciente e disponível, um alargamento necessário para que se fortaleça a história de



um lugar e sua comunidade. Eles são complexos, entremeados por lembranças e esquecimentos, reminiscências e apagamentos, mas permitem que o movimento do cotidiano seja valorizado e, ao mesmo tempo, valorize seus espaços, que podem aqui, ser trabalhados como lugares de memória.

O conceito discutido por Nora (1993, p. 9) ao explorar memória e história e o simbolismo dos lugares em um momento de perda da memória viva, tendo a história francesa como pano de fundo, se revela como um ponto crítico entre o que se valoriza como memória coletiva, imanente de grupos que se reconhecem nas simbologias ali apresentadas, e o que a historiografia tem construído desde a modernização, onde já se observa as perdas referentes à construção coletiva da memória. Afirma o autor que “A história, ao contrário [da memória], pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal.”

Essa transição do "tempo dos lugares" para o "tempo da história" marca uma mudança fundamental na maneira como uma sociedade se relaciona com seu passado e constrói sua identidade. Enquanto os lugares de memória podem evocar uma sensação de pertencimento e continuidade com o passado, a história reconstituída nos convida a refletir criticamente sobre o significado e o legado desses lugares, bem como sobre nossa própria relação com a memória e a identidade coletiva. (NORA, 1993, p. 12)

Para Abreu (2007, p. 20), esse lugar é um instrumento de memória, “(...) o ambiente no qual eu me movo e que me permite ser eu próprio (...). É nesse uso contínuo e na permanência nesse espaço que o habitante constrói suas memórias, onde pode refletir sobre sua presença e sobre seu passado, onde se conecta com sua comunidade. E essas histórias, construídas a partir desses espaços, os simbolismos ou alguma referência à essas reminiscências estão distantes, desde o princípio, do discurso “norte do Paraná” e das recentes discussões referentes ao planejamento e desenvolvimento territorial da cidade.”²

² Para uma maior atenção quanto à ação dos poderes e dos grupos de agentes intervenientes na cidade de Maringá podem ser avaliados os planos diretores implementados em 1968, 1991 e 2006, além do mais atual, discutido em 2024 e todas as alterações, propostas ao longo desse período em favorecimento de pequenos grupos. Bem como acompanhar as ações do Conselho Municipal de Planejamento e Gestão Territorial, que hoje já conta com a participação de representantes da Universidade Estadual de Maringá e especificamente da área de Arquitetura e Urbanismo (empossados em 05/03/2022 para um mandato trienal).



CONCLUSÃO

No gesto de apropriação das manifestações da arquitetura em madeira da Vila Operária, reconhece-se a encruzilhada entre a memória e a história. Na tentativa de se recobrar a memória vivida nos lugares, entremeada pelas experiências e apropriações do espaço no cotidiano e no presente, corre-se o risco de, mesmo assim, lançar um roteiro historiográfico distante e inerte deste lugar.

Recorrer à memória e ancorar-se nas reminiscências foi um caminho proposto para enaltecer a presença da arquitetura popular em madeira no bairro da Vila Operária em Maringá, reforçando sua permanência apesar dos fatores que contribuem para sua extinção. Reminiscências que podem fortalecer seu potencial como lugar de memória, principalmente ao se perceber, em percursos ao longo do bairro, como este reflete o cuidado e o orgulho dos moradores em pertencer àquele espaço e contar suas histórias a partir de sua chegada na Vila Operária.

Inúmeros fatores vêm contribuindo para o desaparecimento dessa arquitetura popular, entre os quais destacam-se valores sociais, econômicos e ambientais, todos eles, afirma-se aqui, detêm valores culturais que os controlam, de algum modo, para que haja um equilíbrio entre essas forças. No que se refere aos valores sociais e econômicos, os discursos que consolidaram o Norte do Paraná como um conceito permeado de adjetivos como progresso, civilização e modernidade ainda estão presentes nos grupos dominantes desde antes da exploração da mata. São manifestações que, infelizmente, também se percebem nas conversas nas ruas, entre moradores, comerciantes, que dia a dia reportam os anseios de um futuro melhor, mais desenvolvido.

Ao se observar a Vila Operária de perto, destacando os espaços construídos e suas formas de apropriação no recorte proposto, percebe-se que as reminiscências possuem uma conexão entre si, seja pela proximidade, pela propriedade e, principalmente, pelas relações que permitem construir com seus habitantes. Mesmo as edificações alugadas são mantidas por seus locatários que mantêm estreita relação com os proprietários. Sem dúvida, a arquitetura em madeira tem um forte papel no espaço urbano, ao se estabelecer como um conjunto de reminiscências a serem identificadas e reconhecidas como parte da história da arquitetura da cidade, que ainda segue um processo de substituição destes edifícios. O que se discute aqui é um resgate da memória de maneira que volte a vincular passado e presente, em prospecção para decisões futuras sobre a cidade e seu patrimônio.



REFERÊNCIAS / REFERENCIAS / REFERENCES

[livro/libro/book]

ASSMANN, Eneida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MARINGÁ. **Memória dos bairros**: Vila Operária. Prefeitura do Município. Secretaria da Cultura. Gerência de Patrimônio Histórico. Maringá, 2002.

ROSANELI, A. F. **Cidades novas do café: história, morfologia e paisagem urbana**. Curitiba - PR: Editora da UFPR, 2013.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SANTOS, Rubens Rodrigues dos (Org.). **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná**. Depoimentos sobre a maior obra do gênero desenvolvida por uma empresa privada. Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. (CMNP). São Paulo: CMNP, 1975.

TOMAZI, Nelson D. **Norte do Paraná**: Histórias e fantasmagorias. Tese de doutorado – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1997.

[artigo em revistas e periódicos/ artículo en revistas y publicaciones periódicas/ article in magazines and periodicals]

CORDOVIL, F. **A aventura planejada**: engenharia e urbanismo na construção de Maringá, PR - 1947 a 1982. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo, 2010.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**.” Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. [S. I.], v. 10, 1993, p. 7-28.

POLLAK, M. **Memória, história e esquecimento**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. **O território e a paisagem: a formação da rede de cidades no norte do Paraná e a construção da forma urbana**. Paisagem e Ambiente, [S. I.], n. 25, p. 37-53, 2008. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i25p37-53. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40258>. Acesso em: 29 jul. 2021

